

Raízes Místicas do Nazismo.

O assunto que vamos abordar se divide em vários ângulos e é de extrema importância para o nosso tempo.

Em primeiro lugar, trata-se de indagar sobre o por que do surgimento de uma ditadura e, depois, sobre sua ideologia.

Assim, primeiramente, devemos analisar o tempo ou o momento histórico em que a ditadura surge, o seu contexto cultural, o quadro mental dos quadros dirigentes da ditadura e procurar saber como eles vieram a existir, como vieram a ser possíveis.

Existem muitas abordagens sobre estas questões e queremos introduzi-las de uma forma mais organizada possível, esperando que o conjunto faça sentido e contribua para um ensaio de explicação.

De saída, podemos observar o que nos diz sobre o fenômeno das ditaduras o escritor francês Maurice Latey, que publicou uma obra exatamente com este título. “Ditadura: ontem e hoje”, onde nos afirma que:

“ a tirania é, por assim dizer, um descontrole nervoso do corpo político. A sociedade sucumbe a tensões que são muito grandes para ela. Ao considerar o progresso de qualquer comunidade, é preciso levar em consideração tanto a tensão a que está sujeita, quanto o limiar dessa questão, o ponto em que a tensão se torna insuportável. A sociedade moderna está sujeita, em alto grau, ao tipo de pressões que normalmente levam à tirania... é difícil compreender a natureza dessa crise quando se está no meio dela. Ela surge de um sentimento de impotência, quando tudo parece possível... da falta de objetivos quando objetivos em demasia se nos deparam. É uma crise de identidade, no sentido de que a identidade do homem – em grande parte – é determinada pelas finalidades que a sociedade lhe oferece e pela imagem que faz de si próprio ao atingir esses fins ou fracassar em os aceitar ou rejeitar. Quando o padrão pode ser aceito com auto-respeito, a sociedade é estável; se cessa de dar ao homem este auto-respeito, surge uma situação revolucionária... e, quando um modelo de imagens e valores mais aceitáveis lhes é oferecido, ocorre a revolução, pacífica ou violenta.” (p. 285).

Existe, portanto, um meio cultural, cheio de tensões, em que a maneira como a sociedade está vivendo o seu cotidiano não dá mais segurança e realização aos indivíduos. É, então, que surge a explosão revolucionária. Mas, ao que tudo indica, ela pode ser detectada, muito antes, pelo surgimento de ondas místicas, em que a magia, o sobrenatural, o esoterismo, assumem um lugar mais importante na cultura não-convencional desta sociedade. Outro escritor, o americano Charles Fair, em “A Era do Absurdo”, nos coloca frente a esta questão:

“ enquanto os homens são por natureza propensos ao absurdo, há também uma relação direta entre a ignorância e a superstição: os que sabem menos são os mais sugestionáveis... pode haver mais conexão entre o absurdo e a revolução do que imaginamos, mas um não é causa do outro... Na Era do Absurdo, existe uma inclinação para a crença pessoal tão forte que chega às raias da compulsão... formas de crença que dizem ao crente o que ele deseja ouvir... antes da Revolução Francesa, uma onda mística, com o mesmerismo, tomou conta de Paris... houve um declínio no interesse pelos clássicos... à medida que se aproximava a revolução, o interesse em manipular números mágicos, em astrologia, em decifrar hieróglifos crescia. Há razões suficientes para sugerir que uma geração antes da revolução,

o povo tinha interesse na ciência. Trinta anos mais tarde, todavia, a ciência para o povo estava envolvida numa atmosfera de mágica e do sobrenatural.” (p. 63 e sgs. – A Era do Absurdo, o fim do consenso racional, Nova Época Editorial, SP., 1976).

Portanto, observamos que uma crise mística ou irracional ou, ainda, um enfraquecimento no chamado consenso racional, pode preparar a caminho para uma explosão revolucionária.

A crise mística não é a causa da revolução, nem a revolução causa a crise mística. Ambos são fenômenos que surgem como partes de um todo, que leva ao colapso nervoso do aparelho social.

1. Caso da Alemanha

A Alemanha está inserida no contexto de uma reação contra o racionalismo, que marcou o final do século XIX, pelo menos, em sua metade e que tem o nome de Movimento Romântico.

O Romantismo se expressou de variadas formas em toda a Europa, mas alcançou uma posição notável dentro da cultura germânica, por uma série de razões históricas bem conhecidas, em que se destaca o impacto produzido sobre o nacionalismo alemão durante o ciclo das Guerras Napoleônicas.

O notável, no caso alemão, é que lá surgiu um movimento pré-romântico, já por volta de 1770, isto é, ainda no final do século XVIII:

“por volta de 1700, eclodia na Alemanha um movimento de emancipação das letras nacionais que se convencionou chamar de “sturm und Drang” (isto é; tempestade e impulso), de acordo com uma peça teatral de F. M. Klinger (1777), um dos expoentes do grupo rebelde. O movimento radicaliza a revolta contra o regime absolutista e acentua as tendências empiristas... mas, entretanto, o que prevalece é o violento impulso irracionalista e a luta contra a Ilustração. O empirismo inglês chegara, na filosofia de Hume, a conseqüências céticas, que abalaram a fé na razão. Com efeito, o ceticismo filosófico tende a favorecer, com freqüência, movimentos irracionistas que declaram, de uma lado, a bancarrota da razão e do intelecto e proclamam, de outro lado, o valor supremo dos impulsos e das emoções, da intuição e da sensibilidade, do inconsciente e da inspiração do “gênio”... O Sturm und Drang é a primeira corrente romântica ampla da Europa, geralmente definida como pré-romântica...” (p. 7/8 de Autores pré-românticos alemães” Anatol Rosenfeld, Herder, SP., 1965).

Segundo a História Geral da Civilizações, este movimento, anti-racionalista” surgido logo após a tormenta revolucionária e napoleônica, devemos considerá-lo como a expressão de uma inquietude... aparece como pessimista, aristocrático, impregnado de religiosidade e nostalgia tradicionalista... “agente cedo e surdo de algum obscuro destino, “ diz Stendhal a respeito do seu tempo... O romântico tem de viver intensamente ou desaparecer... demasiado enfático para seguir de perto a verdade, o romântico utiliza com vigor as novas técnicas a fim de derramar seu sarcasmo...”

Mais adiante, prossegue o estudo:

“o senso histórico age poderosamente no sentido de unir o presente ao passado. O século XVIII certamente concebera uma explicação racional da evolução humana... Bousset, Vico e Herder haviam salientado a força condutora do mundo, panteísta no primeiro, orgânica e

própria a cada povo – o Volksgeist, no segundo; era o contra-ataque do irracional... entretanto, o orientalismo, as turqueries, a descoberta do Egito, do Irã e da Índia, indicam um singular alargamento do horizonte cultural, inclusive as hipotéticas origens arianas dos povos do Ocidente, hipótese em que trabalham imaginações que já não se satisfazem com a certeza da herança mediterrânea clássica. Há o achado da Idade Média. Schegel acompanha Lessing quando este exclama: “noite da Idade Média! Seja! Mas era uma noite resplandescendente de estrelas. “Época misteriosa, capaz de apaixonar, considerada ingênua e virtuosa, fértil em prodígios... e as lendas, as Sagas escandinavas, Romancero Espanho, Nibelungen (Senhor do Anel – origem à obra de Wagner), epopéia burgúndia e a Canção de Rolando, gozam ou gozarão de imensa voga, a tal ponto que abundam os textos apócrifos. Simultaneamente, o romance histórico alcança um êxito retumbante, com Walter Scott e outros. É uma Idade Média que cada qual vê a sua maneira. Este romantismo retrospectivo, pretende por instinto ser político, social e até economicamente reacionário. E em parte alguma mais do que na Alemanha, onde um verdadeiro misticismo das origens medievais repele o Aufklaerung em proveito de um nacionalismo messiânico, onde o cosmopolitismo racionalista e o liberalismo burguês são mais odiados... Novalis propôs um novo Santo Império Romano-Germânico...” (História Geral das Civilizações, Volume XIII – O Século XIX: o apogeu da civilização européia, por Robert Schnerb, Difusão Européia do Livro, SP., 1958, p.62 e sgs.).

Observamos, que já temos um quadro geral da questão das raízes místicas do nazismo:

1º - o descontrole nervoso do corpo político-social alemão vai se dar pela derrota na 1º Guerra Mundial, pela destruição do Império e abdicação da figura do Imperador, considerada uma enorme perda psicológica e oral e pela posterior crise econômica geral que grassou por todo o mundo, o crack de 30 e que foi fortemente sentido na Alemanha;

2º - este descontrole geral, com causas econômicas, sociais, políticas e militares, foi precedida por uma forte crise de identidade cultural que fez aflorar de forma notável um sentimento romântico que era místico, mágico e antirracionalista;

3º - esta atmosfera de derrota mais irracionalismo vai preparar o ambiente cultural em que vão se formar as mentalidades culturais da liderança do Partido Nazista, em especial de Hitler e de seu grupo de apoio pessoal.

Portanto, o nazismo não é um fenômeno, conforme avaliamos, exclusivamente do século XX ou resultado direto de uma derrota militar. O nazismo foi o coroamento de um processo de formação de mentalidades e de cultura que acompanhou, lateralmente, a formação cultural da Alemanha, desde o final do século XVIII.

Além do conhecido pré-romantismo e do romantismo, que existiu em toda a Europa, mas teve o seu apogeu na Alemanha, podemos observar o desenvolvimento, ao longo destes períodos históricos, na Europa e na Alemanha, dos seguintes fatores;

1. Surgimento do Orientalismo (e do misticismo);
2. Surgimento do folclore;
3. Surgimento da arqueologia e da pré-história;
4. Impacto da Teoria da Evolução (evolucionismo social ou social-darwinismo)

Vamos analisar, de forma muito sucinta, como estes movimentos culturais vão se formar e em que eles afetarão a cultura, pelo desabrochar de um lado irracional e anti-científico, que irá impregnar a vidão de mundo de Hitler e seus colaboradores (e não só deles...).

2. Orientalismo

O orientalismo é um sistema, adotado no século XIX, e hoje abandonado, que atribuía as origens da civilização européia, suas artes, filosofia e ciências, as antigas culturas do Oriente, em particular, O Egito, a Pérsia e a Índia. O orientalismo teve grande influência nas artes e na literatura e era uma verdadeira mixórdia de estudos variados com a busca pela sabedoria ou os chamados segredos das ciências ocultas das antigas civilizações.

Um dos seus fundadores e, talvez, dos mais famosos e influentes, foi o agente secreto, explorador e escritor Sir Richard Francis Burton (1821-1890) que:

“passou a idade adulta numa busca incessante da sabedoria secreta a que dava a ampla denominação de “gnose”, na esperança de que lhe permitisse descobrir a própria fonte da existência e o sentido de sua presença na terra. Tal busca o levou a estudar a cabala, a alquimia, o catolicismo, uma casta hindu das mais arcaicas e a via erótica conhecida como tantra. Depois passou ao sikhismo e passando por várias formas do islamismo antes de se firmar no sufismo, disciplina mística que escapa aos rótulos simplistas... outros temas esotéricos de interesse para seus estudos: o espiritualismo, a teosofia, as doutrinas de Hermes Trimegisto e a percepção extra-sensorial, ele foi o primeiro a utilizar esta expressão ESP. Apesar de seus estudos sobre os usos e costumes de povos primitivos... foi o tradutor de Kama-Sutra, das Mil e Uma Noites, pesquisou drogas como o haxixe e ópio”. (Conforme p. 21 da biografia de Sir. R. F. Burton por Edward Rice, Companhia das Letras, SP. 1991).

Pode-se observar o clima “moderno” ou mesmo “atualíssimo” das preocupações e ocupações “orientalistas” e místicas de Burton que moldou, poderosamente, o espírito da cultura paralela do século XIX, que iria produzir, ao lado da ciência, tecnologia e industrialismo, as bases de um poderoso misticismo dito “oriental”.

3. O Folclore

Os irmãos Jacob e Wilhe Grimm são considerados os fundadores do Folclore científico, em especial as coletâneas de contos, canções e lendas germânicas, enfeixadas em “A Mitologia Alemã” (1835). Mas, já por 1812-1815 tinham lançado pequenos trabalhos sobre as lendas e sobre as Runas Alemãs e, aos poucos, vão criando o arcabouço sobre a qual vai ser erigida a veneração pelo passado heróico post-Império Romano dos guerreiros alemães e, também, pelo heróico Império, o Sacrum Romanum Imperium Nationis Germanicae – 962-1806. É a recuperação folclórica que trouxe à tona o famoso poema épico alemão “Der Nibelung Not (a desgraça dos Nibelungen), mais conhecido, porém, como Niebelungenlied (canção dos Nibelungen), datado de 1250 a 1260, onde é exaltado o paganismo germano, a figura do herói, meio homem, meio deus, que não foge, jamais ao destino a que estão submetidos homens e deuses. De enorme forma trágica, com violência e vingança mas também com amor apaixonado e cortêsão, é considerado mito nacional germânico. A versão de Wagner, que serviu para sua monumental tetralogia operística é baseado, porém, numa versão nórdica (das Eddas), com adaptações próprias e não segue este manuscrito do folclore medieval.

4. Arqueologia

A Arqueologia alemã, como não podia deixar de ser, contribuiu poderosamente para uma mitologia toda especial que influenciou as mentalidades da época:

“Gustav Kossima (1858 – 1931), arqueólogo e pré-historiador, deliberadamente dispôs-se a provar a importância e a grandeza dos germanos através da pré-história. Expandiu a cronologia de maneira que tudo parecesse ter começado na Alemanha e se espalhado dos Germanos Superiores para os inferiores ao redor... Kossima queixava-se que a Arqueologia alemã se estava concentrando nas terras clássicas e se preparava, portanto, implícita ou explicitamente, para descrever os antigos germanos como bárbaros. Insistia que era errado só Ter grandes coleções para Egito Grécia, etc. e afirmava que: “uma nação que não mantém contato com seu passado está pronta a secar como uma árvore com as raízes amputadas.

... Somos hoje o que fomos ontem”. Era por causa disto que falsificava, para aumentar as realizações germanas. Podemos rir de suas fantasias, mas os racistas alemães o levavam a sério e suas aparentes provas, oferecidas oferecidas pela pré-história, da antiguidade e superioridade dos germanos”. (Cf. p.114 de “Introdução á Pré-História, Glyn Daniel, Zahar, RJ, 1964).

5. Evolucionismo

Não podemos esquecer que a obra básica de Darwin surge em 1859 e causa profunda impressão em todo o mundo culto.

Mas vai dar origem, também ao social-darwinismo, isto é a uma doutrina da sobrevivência dos mais aptos, que seriam os mais fortes, isto é, aqueles que faziam a guerra melhor e ganhavam nos conflitos bélicos, por serem superiores e, com isto, subjulgavam os perdedores, que seriam seres fracos e inferiores.

A sobrevivência dos mais aptos não tem nada a ver com isto e os mais aptos podem até ser (como parece) os mais hábeis em se esconderem e não serem, assim, caçados pelos mais fortes. Esta, pelo menos, é a visão mais correta, atualmente, sobre a proliferação dos homínídeos...

A publicação, na Alemanha, por Nietzsche, em 1866, de “Além do Bem e do Mal” ia vulgarizar, porém, a visão de uma força impulsora da vontade humana como sendo “a vontade de Poder”, que instituíra duas moralidades, a do senhor e a do escravo.

Estas idéias, com muitas outras, aplicadas em economia e, por fim, na teoria da guerra, iam tornar o darwinismo social e sua moralidade impiedosa, um traço marcante na formação do universo cultural alemão durante o final do século XIX.

6. Síntese

Todas estas idéias iriam convergir, de uma forma ou de outra, para a formação de uma idéia central, isto é, que existiam diferenças entre os povos e que estas diferenças tornavam uns povos dominadores e outros povos dominados, portanto, uns inferiores e outros superiores.

Vai surgir, até mesmo, a idéia de “povo escolhido” ou “raça eleita”, como conceito para-religioso.

E estas idéias vão se formando à partir das mais variadas contribuições, a lingüística, então, também uma disciplina nascente.

Em “História da Lingüística”, o professor Georges Mounin comenta as investigações de Humbolt e lembra que:

“mas, ao mesmo tempo, Humbolt leva ao limite extremo a ideologia romântica alemã que quer toda a riqueza cultural venha do povo. Para ele a língua é o órgão que forma o pensamento, exprime e afeiçoa a alma nacional no que esta tem de mais específico, manifesta a visão do mundo da própria comunidade nacional. A diversidade das línguas prova a diversidade das mentalidades; donde a importância de um exame detalhado do organismo de cada língua, a fim de comparar a qualidade de sua estrutura à de outras línguas, porque a superioridade da estrutura de uma língua prova a superioridade duma mentalidade, a superioridade de uma raça.” (p. 194, Edições Despertar, Lisboa, 1972).

Observamos que, mesmo num campo tão especializado como o estudo das línguas, vai se imiscuir a noção de superioridade da raça e da superioridade de uma “mentalidade”. Estas noções são abstratas e, mesmo, mágicas e vão terminar por contaminar toda a maneira de pensar de mais de uma geração, levando, inclusive, ao nascimento de sociedades secretas e diferentes agrupamentos e grêmios, dedicados ao estudo do passado em geral e particularmente ao passado germânico, que terminam num obscurantismo místico, do qual, a elite do partido nazista fazia parte, no que, entretanto, não era diferente das elites em geral e das classes médias.

Como não existiam entretanto, nada mais do que especulações, os interessados na afirmação destas idéias são obrigados a criar, gradativamente, uma falsa ideologia, baseada em um passado também falsificado. E, para isto, começam a basear suas afirmativas em lendas, mitologias e, igualmente, em falso folclore, que começa a surgir dentro das sociedades ocultistas, em especial as chamadas sociedades teosóficas.

Vejamos alguns aspectos elucidativos desta onda mística:

“Em Leipzig, em 1912, é fundada uma Germanen-Thule-Sekte, que antecipa a Germanen Orden de 1913 e a Thulegesellschaft de 1918 da qual deriva diretamente o Partido Nazista... A sociedade Thule organiza um grupo de combate, da qual faz parte Rudolf Hess e tenta um contra-golpe, na Baviera, em 1919. Estas sociedades e, em especial, a Germanen-Orden celebram, já então, a velha festa nórdica do solstício de inverno e é nela que se redige o programa original do partido social-alemão de Alfred Brunner, ao qual irá se filiar, depois, Adolf Hitler, que reorganiza o movimento” (Hitler e o nazismo mágico: as componentes esotéricas do IIIº Reich, Giorgio Galli, Edições 70, Lisboa, 1990, pgs. 105 e sgs.)

A entrada do tema Thule, de enorme ressonância mística, pois se trata de uma “terra incógnita” da cartografia antiga e medieval, uma espécie de paraíso, quem sabe, um “lar ancestral”, nos mostra que o movimento político que é a matriz de um partido nazista, tem em suas origens, poderosas lendas, muitas falsas, que tentam forjar uma antigüidade de uma sabedoria antigas, que estariam na raiz formativa dos povos ditos germânicos.

Hitler, mesmo, é quem afirma:

“A lenda não pode ser extraída do nada, não é uma construção do espírito puramente gratuita, Nada nos impede de supor, e creio mesmo que temos interesse em o fazer, que a mitologia constitui um reflexo de coisas que existiram e de que a humanidade conservou uma vaga recordação. Em todas as tradições humanas, orais e escritas, encontramos a

menção de uma enorme catástrofe cósmica. O que a Bíblia conta a este respeito não é próprio dos judeus: foi seguramente tomado de empréstimo aos Babilônios e aos Assírios. Na lenda nórdica, refere-se a uma luta entre gigantes e deuses. Na minha opinião, isto não pode ser explicada senão pela hipótese duma catástrofe que destruiu completamente uma humanidade que possuía já uma civilização superior. Estou bastante inclinado a aceitar as teorias cósmicas de Horbiger. De fato, não se pode excluir a possibilidade de que dez mil anos antes da nossa Era se tenha produzido uma interferência da Terra e da Lua, que teria determinado à Lua a sua atual órbita. É possível, igualmente, que a Terra tenha atraído para si a atmosfera que até então pertencia à Lua, o que teria transformado absolutamente as condições de vida sobre o nosso planeta. Pode-se imaginar que antes desse acidente o homem podia viver a não importa que altitude... Pode-se pensar que a Terra se abriu e que a água se precipitou na brecha assim formada; que houve explosões e quedas de chuvas diluvianas, às quais os casais humanos não pudessem escapar senão refugiando-se nas regiões mais elevadas. Parece-me, continuava Hitler, que estas questões serão resolvidas no dia em que um homem estabeleça intuitivamente a relação que existe entre os diversos fatos, mostrando assim a ciência exata o caminho a seguir. Senão, nunca ergueremos o véu que se interpôs entre o nosso mundo atual e o que nos precedeu. Se nos debruçarmos sobre as religiões nos seus começos descobriremos nelas um caráter mais humano do que aquele adquirido posteriormente. Penso que as religiões se originam nessas imagens pálidas de um outro mundo, de que a memória humana conservou uma longínqua recordação. O espírito humano mesclou estas imagens com noções elaboradas pela inteligência, e foi assim que as igrejas constituíram a armação ideológica que ainda hoje assegura a sua força”. (Conversações livres sobre a guerra e a paz, tomo I, p. 243, conforme a edição francesa, citado em “Hitler e as religiões da suática, Jean Michel Angebert, Livraria Bertrand, Amadora, 1977, p. 244/245).

Observamos, aqui, o profundo misticismo que animava Hitler e os principais seguidores, que também compartilhavam destas idéias. A citação – é bom comentar – diz respeito aos chamados Documentos de Borman, que foram publicados na França em 1952, sob o título de “Conversações Livres sobre a Guerra e a Paz” (na Inglaterra tiveram o título de “Conversações Familiares de Hitler e na Alemanha são conhecidos como os BormanVermerke. São anotações taquigrafadas de palestras de Hitler aos seus generais e alemtnso mais chegados, realizadas no QG da Prússia Oriental e no QG da Ucrânia, depois transcritas, anotadas e corrigidas por Martin Borman e capturadas com os papéis do Partido Nazista pelos aliados. Não existe edição, ao que eu saiba, em português deste trabalho.).

7. Thule, Atlântida, Catástrofes e Mundos Perdidos.

Sêneca, o grande autor romano, dizia, em sua tragédia Medéia:

“Tempo virá, no decurso dos séculos,
em que o Oceano dilatará sua cintura
- com que envolve a Terra,
para mostrar ao homem uma região imensa
e incógnita.
O Mar revelará, então, novos mundos
e Thule deixará de ser o limite do Universo.”

Thule, uma terra de felicidade, para lá do norte, faz parte do ciclo lendário da Hyperbórea e data do tempo dos romanos, quando um explorador chamado Píteas, saiu de Marselha para explorar a rota de fornecimento de âmbar e outras especiarias, que chegavam até a Europa Central e Mediterrânea desde o distante norte.

Diz Píteas, segundo Solino:

“cinco dias e cinco noites demora a travessia a vela, das Órcades para Thule. Apesar de sua posição setentrional, o solo de Thule é fértil, produzindo muitas frutas de tardio amadurecimento. Desde princípios da primavera vivem os habitantes com seus animais. Alimentavam-se de leite e ervas, guardando as frutas para o inverno”.

Este “país ao norte” foi tomado como sendo uma espécie de centro mágico, onde sobreviveram restos da cultura e da sabedoria daquela civilização de fantasia, que teria sido destruída há dez mil anos atrás. E foi desta terra e da Hyperbórea, que vieram os ancestrais dos Arianos, marcando desde os planaltos do Himalaia, onde tinham se refugiado do Dilúvio.

Assim, os ancestrais dos arianos não seriam os povos extintos, mas teriam tido uma iniciação mágica junto aos povos extintos, aos últimos sábios, conhecidos com “Superiores Desconhecidos”, onde teriam aprendido a língua “superior”, formando a “mentalidade superior”, que tornou os ancestrais dos germanos, uma espécie de “raça eleita”, não só por receber a sabedoria dos antigos, como também por estar dotada, por está mesma sabedoria, do destino de dominar os povos inferiores e criar um império universal.

É curioso observar que algumas das sociedades místicas que existiam na Alemanha (mas não só de lá...), diziam que entre os ensinamentos legados pelo povo extinto na guerra ou catástrofe de dez mil anos atrás, estava o segredo do chamado Vrill, uma poderosa fonte energética, segundo alguns, de ordem mental, com o que se podia operar milagres.

Esta idéia de Vrill, entretanto, como muitas outras, é a mais pura fantasia.

Ela foi descrita como uma força, é verdade, de um povo antigo, é também verdade, mas por um famoso romancista, Sir Edward George Bulwer-Litton (1803-1873), que chegou a ocupar um cargo de Secretário das Colônias da Inglaterra e fazia parte da famosa sociedade secreta ocultista “As Aurora Dourada”, com ramos nos Estados Unidos, na Alemanha e na Grã-Bretanha.

Em seu romance “A Raça que se Seguirá” (ou que vira, datado de 1871) ele apresenta uma raça que vive em um mundo subterrâneo, dotada de grandes qualidades morais e espirituais, que eram alimentados por uma estranha força-sustentadora de energia vital, chamada Vrill. O romance previa que esta “raça perdida”, viria a voltar para a superfície e teria a ascendência sobre todo o planeta...

Bulwer-Litton é lembrado, até hoje, pelo seu clássico de 1834, “Os últimos dias de Pompéia” e, em sua época, foi um importante defensor do ocultismo, da mágica e das “forças ocultas”.

Observamos, assim que o ambiente cultural que precede ao surgimento do nazismo está imerso em uma onda romântica, que difunde uma série de idéias mágicas completamente anti-científicas, a mais pura fantasia, mesclada, inclusive, a romances que produzem impacto sobre o imaginário popular, do qual Hitler e as lideranças nazistas partilhavam, como é, aliás, muito natural.

Havia um poderoso movimento mágico para reerguer a Alemanha de sua derrota e humilhação, resultante da Guerra de 1914-1918, da Grande Depressão e das Revoltas Comunistas.

Havia, também, uma nostalgia pela grandeza carismática que era proporcionada pela existência de um Império e de um Imperador (o Kaiser, isto é, César, que fazia remontar a história a uma herança do perdido e mítico Império Romano, através da coroa do Sacro-Império...)

8. Profecias do Salvador

Nesta atmosfera, nada mais natural que surgissem, igualmente, profecias, que preparavam o terreno, de forma mágica, para a vinda do Salvador, que seria Hitler.

É impressionante que em 1922 o escritor Kurt Hesse – em meio a este clima – tenha publicado sua novela “O Marechal Psicológico” (Feldherr Psychologos), onde dizia, entre outras coisas que:

Assim, um dia virá em que se anunciará Aquele que todos nós aguardamos cheios de esperança: centenas de milhares de cérebros carregam sua imagem no seu âmago, milhões de vozes invocam-no incessantemente, toda a alma alemã o procura... De onde virá? Ninguém sabe. Talvez de um palácio de príncipes, talvez de uma cabana de operários. Mas, cada um sabe: é ele, o Führer. Cada um o aclamará; cada um lhe obedecerá. E por que? Porque um poder extraordinário emana de sua pessoa: é o diretor das almas. Daí porque o seu nome será: o Marechal Psicológico. Ele chamará o povo às armas ou talvez deixará destruir os canhões e os navios. Ordenará: trabalhai! Trabalhai! E sempre trabalhai! – ou desejará a greve de todos contra todos; convidará a desfrutar a vida ou imporá a todos sacrifícios e privações. Será um Profeta de Deus ou talvez, demolirá as Igrejas, ninguém sabe. Mas, cada um sente: o que virá marchará sobre precipícios... Um bruto mas ao mesmo tempo um bom... que despreza o prazer, mas que se alegra com o belo... O melhor de seu ser é a sua palavra; ela tem um som cheio e puro, como um sino e chegará ao coração de cada um. Frequentemente, ele lançará as cartas como um jogador e os homens dizem então que ele é um político autêntico. Mas somente ele sabe o que são as almas humanas, mas quais toca como nas cordas de um piano...” (Conforme: p.253/254 de “A mistificação das massas pela propaganda política, Serge Tchakotine, Civilização Brasileira, RJ, 1967).

Observamos que Hitler ou outra figura que tivesse as características semelhantes, correspondia a um ideal mágico, a busca de um salvador, que – misticamente – reconduziria a Alemanha para uma epopéia de glórias, em que o Império Universal, sonho do antigo pan-germanismo da casa dos Kaisers, se tornaria, finalmente, realidade.

Um dos primeiros, senão o primeiro biógrafo de Hitler, Konrad Heiden, já escrevia em “Hitler: a vida de um bárbaro”, cujo original é de 1935/1936:

“ o mérito de Hitler não fica, desta maneira, diminuindo, mas esclarecido. Ele moderou o Partido, timorata e heroicamente, segundo sua dupla imagem, ele enfeitiçou as almas, ele estabeleceu sobre a Alemanha o domínio mais poderoso que jamais existiu, porque é mágico... O homem Adolf Hitler é comparável a um médium que faz desprender de si o fenômeno... em estado da calma um segundo Hitler fica, por assim dizer, acocorado dentro do Hitler normal. No momento da exaltação, vêm a tona e cobre-o com sua máscara inexpressiva, maior do que a natural... Esse desdobramento da personalidade torna bem difícil formular um juízo sobre Hitler... Hitler é um filho da solidão... O Fuhrer é um filho das massas. E que espécie de massa é essa! É a do povo alemão empobrecido, derrotado, inânido... Por esse motivo esse lutador que veio à tona, saindo da insignificância, é o predileto e modelo da massa em luta com sua desesperança. A massa vê nele, de material

humano insignificante, a sua própria imagem...” (p. 301/306 – Edição da Livraria Thurmman, Porto Alegre, 1943).

Existe, vamos esclarecer, duas grandes vertentes: um povo se considera humilhado e, ao mesmo tempo, circula entre este povo uma imagem mítica do passado (O Grande Sacro_Império Romano-Germânico) e a idéia que ele representa uma raça vindoura.

De parte da elite agitadora, existe a idéia que é possível, pela guerra, fazer a Alemanha uma potência mundial, novamente.

Para isto, todos concordam, é necessário um Salvador, um Líder, (o Fuhrer), que magicamente, tornará humilhação em triunfo e derrota em vitória.

As elites partidárias, a intelectualidade, as classes médias, estavam expostas ao ideário ocultista, poderosa derivação da revolta romântica, que nada mais foi do que uma reação contra a derrota prussiana feita pela Revolução Francesa, na figura de Napoleão.

Neste complexo quadro, como diz Konrad Heiden, Hitler soube lançar sobre a Alemanha aquilo que ela queria e esperava, o domínio mágico, porque ele também acreditava nas lendas, nos mitos, a magia e no misticismo que estavam ali implícitos.

Com isto concretizou aquilo que o pesquisador Jérôme Antoine Rony explicava no manual “A Magia”:

“em política, a idéia da ditadura e a pessoa do ditador significavam a magia e o taumaturgo. A vontade de poder, tolhida em toda a extensão de uma coletividade, expressa-se no mito do homem providencial cujo Verbo constitui a lei e constringe a realidade. O ditador é para todo o povo um médium em transe incumbido de realizar, por seus dons extra-humanos de clarividência e poder oculto, os desejos recalcados de uma nação... o ditador típico apresenta, traço por traço, os sintomas do mágico: desequilíbrio, dinamismo do olhar e do gesto, exaltação cortada por profundas depressões. Ele é a transposição no imaginário de uma vontade coletiva de poderio... é sempre o espírito mágico presente e atuante...” (p. 123/124- A Magia, Difusão Européia do Livro, SP., 1957.).

Não existisse esta raiz mística profunda, todo o fenômeno do nazismo não teria sido possível.

Mas exatamente porque existia é que o nazismo triunfou e pode apresentar o seu projeto de religião ariana, religião nórdica, religião germana, principalmente através do filósofo do regime. Alfred Rosenberg, que escreveu o que Hitler considerava o livro fundamental da época: “O mito do século XX.

Diz o escritor François Perroux, escrevendo na época, para tentar compreender e divulgar na França as idéias do nazismo:

“O nacional-socialismo ofereceu uma pseudo-religião, sem paraíso inacessível, que o povo alemão confusamente solicitava. Divinizou a própria raça germânica, isto é, a totalidade dos norte-arianos concebidos como depositários de toda a verdade, de toda a bondade e de toda a beleza. Em torno do dogma da raça, congregou as multidões por meio de ritos, procissões, juramentos, autos-de-fé, saudações, hinos e cânticos. Pretendeu ensinar-lhes uma moral própria: a moral dos germanos, diferente do resto da humanidade. Afirmou não a comunhão dos santos, mas a comunhão dos Heróis, quer dizer, dos norte-arianos, isto é, dos homens de sangue alemão. Nesses homens incute o sentimento de serem o povo eleito, o sal da terra. Não é por acaso que o nazismo

se choca violentamente com as Igrejas autênticas. Ele próprio é um Estado que se quer constituir uma Igreja... essa interpretação do nacional-socialismo como Ersatz de religião mostra claramente como a Alemanha se move num mundo de pensamentos totalmente diverso daquele que sugere o contraste marxista: capitalismo versus anticapitalismo. Ela explica as exclusões e as interdições que a mística hitlerista tem lançado contra as doutrinas econômicas tradicionais.” (p. 67/68 de “Os mitos hileristas”, Companhia Editora Nacional, SP, 1937).

E que doutrinas econômicas teria o nazismo?

Comenta o mesmo autor:

“uma escola preconiza o regresso deliberado às formas de produção e de troca pré-capitalistas. Quando reinavam estas fórmulas, a comunidade nacional era mais unida, a nação demograficamente mais forte e mais independente. Uma Nova Idade Média, tal é, portanto, com todas as conseqüências que comporta, moderação das necessidades, disciplina de técnica, renovação dos costumes corporativistas, a senha que lançam alguns economistas, entre eles Werner Sombart. Aliás é a essa tendência a política de reagrarização e proteção aos camponeses, praticada pelo IIIº Reich e de que Walter Darré é o profeta, o criador, o ensaiador... Tersemarcher, diz, explicitamente que a restauração de forças econômicas herdadas de um passado longínquo encontram seu fundamento natural na Terra e no Sangue... O camponês, que não é um tipo de humanidade surgido do capitalismo, deverá viver livre e feliz em seu campo. Uma lei de 22 de setembro de 1933 constitui em “majoratos agrícolas”, as terras, que não podem ser vendidas e são transmissíveis somente a um herdeiro, que seja camponês de raça germânica. Ser camponês, diz Darré, é ser livre... As concepções do hitlerismo tentam transformar radicalmente o mundo de pensamentos capitalista e pede à época feudal uma ideologia para substituição. Neste mundo, não há mais, na fábrica, um empregador e um assalariado, mas sim um chefe (Führer) e seu séquito (Gefolgschaft). Entre eles não mais um desses contratos tortos, de que falam os heróis de Wagner e que causam a perda dos deuses, mas um laço de fidelidade pessoal que os une em vista de uma obra comum. O nazismo vê as grandes fábricas modernas como uma série de burgos em que um senhor, cercado de seus vassallos, dirige os combates e regula os trabalhos. Feudalismo, mas aperfeiçoado e centralizado, onde nenhum dos senhores vassallos contesta os direitos do grande suserano, Hitler, o Führer... Há uma hostilidade fundamental à idéia de contrato, substituída por laço de fidelidade pessoal... O diretor da fábrica será assessorado por um círculo de “homens de confiança” e tribunais de honra estão encarregados de reprimir as infrações.” (p. 90 e sgs.)

Observamos, portanto, que o nazismo previa, dentro do clima místico em que foi forjado, não só a criação de uma religião própria, mas o desenvolvimento de um mundo que seria, novamente, uma Idade Média, mas dotada de forte tecnologia. Seria um destes estranhos mundos alternativos, a que estamos acostumados a ler em ficção-científica, em que existem canhões e tanques, mas também cavalaria e, quem sabe, espadachins...

Não é de estranhar que esta mistura de modernidade e arcaísmo exercesse forte atração, em especial na juventude, de ambos os sexos, educada, desde a tenra idade, nestas idéias.

É muito forte o lado religioso que o nazismo procura apanhar para integrar sua máquina que é a transformação total do mundo, a começar pela Alemanha e países conquistados.

Oswald Dutch, no famoso trabalho da época, “Os doze Apóstolos de Hitler”, já lembrava:

“ O sangue alemão deve desembaraçar-se, o mais rápido possível de toda idéia de pecado. A noção de sangue e honra deve formar a alma alemã. A beleza grega reina sobre as

formas do corpo, a beleza germânica determina a formação da alma. Uma significa o equilíbrio exterior, a outra a lei interior... A proclamação de uma nova religião alemã por Rosenberg fora, pois, preparada, sendo compreendida por um grande número de alemães. Na Westphalia, aldeias inteiras deixaram a igreja protestante e se proclamaram pagãs. Esses camponeses transformaram seus cemitérios e se reuniram debaixo das túlias para ouvirem falar dos velhos deuses germânicos. Os casamentos dos membros do Partido Nacional-Socialista não foram mais celebrados na igreja, nem na pretoria, mas debaixo do carvalho de Wotan segundo os ritos pagãos. Quase toda a juventude e todas as formações militares do Partido adotaram, imediatamente, o paganismo de Rosenberg, empreendendo, ao mesmo tempo, uma luta encarniçada contra o cristianismo. Esta luta anti-cristã está vinculada ao movimento anti-semita, pois Rosenberg lembra que os católicos são de uma religião de origem judaica e adoram os mesmos deuses que os judeus. ” (p. 78 cap. IV – Rosenberg – Oswald Dutch – Os Doze Apóstolos de Hitler, Edições Meridiano, Porto Alegre, 1940).

É bem verdade que Rosenberg e os demais ideólogos do partido nazista sabem aproveitar as linhas gerais do misticismo que já estão plantadas na Alemanha e sobre isto, é importante fazer outra citação, do livro de Victor Farias – intitulado: “ Heidegger e o Nazismo ”, onde ele nos diz que:

“ No dia 25 de junho de 1933, os estudantes de Friburgo fizeram a tradicional festa do Solstício. Após a primeira guerra, esta havia se tornado a forma de protesto contra as restrições do Tratado de Versalhes: por ocasião das competições esportivas, evocavam-se os mortos em combate, segundo o modelo da Antiguidade Clássica. Esta festa foi organizada pelos estudantes nazistas, que a encenaram com sua dramaturgia e liturgia bem conhecidas. A cerimônia foi encerrada com a alocação de reitor Martin Heidegger, que se dirigiu ao estádio universitário, em cujo centro ardia uma fogueira gigantesca. Em silêncio, com o olhar no fogo, os estudantes escutaram Heidegger:

Festa do Solstício de 1933! Os dias passam.

Tornam a ser mais curtos. Mas em nós cresce a coragem de atravessar as trevas que se aproximam. Não nos tornemos jamais cegos na luta. Chama, instrui-nos! Ilumina-nos! Mostra-nos o caminho de onde não se volta! Que fulguem as chamas... que ardam os corações. ”

(p. p. 159, Ed. Paz e Terra, RJ, 1988).

Ou seja, o nazismo procurou, dentro do clima que reinava na época, recuperar, até mesmo, o Paganismo, como forma de organização religiosa.

Uma de suas “orações”, às chamas na festa do Solstício de inverno está preservada, saída da boca de um dos ilustres filósofos da Alemanha!

Este é o clima que faz surgirem os projetos e depois a prática da dominação dos povos, dos massacres, do trabalho escravo. Nesta nova espécie de Idade Média, os senhores das herdades e das fábricas tinham direito, até mesmo, ao seu quinhão de trabalhadores escravos! Mas não era – no conjunto – uma aberração. Era parte de uma totalidade, que foi a eclosão romântica levada até suas últimas conseqüências, contra toda a concepção de Humanismo e Iluminismo da Civilização Ocidental.

Foi o momento em que outra civilização esteve para nascer.

É o que dizia o Dr. Hermann Rauschning, Chanceler Nazista do Governo da Cidade Livre de Dantzig, no impressionante documento que é “ Hitler me disse: confidências do Führer sobre seu plano para a conquista do mundo ”:

“ Hitler – A criação ainda não terminou... a antiga espécie humana já entrou num estado de decadência... toda força criadora se concentrará numa nova espécie... o homem deve tender sempre a superar seus próprios limites. Um mundo de deuses e de bestas é o que temos ante nós... eu me esforço para submeter o corpo social à uma Nova Ordem. Todos os que escutam a voz primitiva da humanidade, se consagram ao movimento eterno, são os portadores da tocha, os pioneiros da nova humanidade. Compreendeis, agora, o sentido profundo de nosso movimento nacional-socialista? Cabe imaginar algo mais grandioso e mais amplo. Eu que entendo o movimento nacional-socialista mais do que como movimento político... o nacional-socialismo é mais do que uma religião, é a vontade de criar o super-homem... vivemos o momento decisivo na história do mundo, a charneira dos tempos... haverá uma subversão do planeta que só nós, os iniciados, podemos entender em sua amplitude. Adquirir uma visão mágica é a finalidade da evolução humana... ” (p. 207 e sgs., Edição Hachette, Buenos Aires, junho de 1940).

Hitler e o nazismo, portanto, podem ser explicados e até entendidos, não só por causas econômicas, mas por uma filosofia que vinha determinando este caminho particular para aquele momento histórico de há muito e muito tempo.

Para finalizar, a lição que podemos tirar de tudo isto, é que as forças irracionais, anti-científicas, são extremamente poderosas e elas podem, utilizando o poderio técnico de forma cega, determinar um outro rumo para o mundo, em que os nossos valores e conceitos seriam completamente subvertidos.

O nazismo poderia ser entendido como algo mais do que um fundamentalismo ideológico-religioso. Enquanto os fundamentalistas de hoje tentam travar o futuro, o nazismo ia além: com pitadas de um passado mítico, ele pretendia criar um Bravo Novo Mundo, com uma super-raça, baseado no mito do puro-sangue, parte da lenda do Santo Graal, que nada mais é do que uma mitologia do século XII, que, em última análise, trata de preservação do sangue perfeito, o sangue de um deus. É por isto que o Graal e a pureza de sangue figuram na mitologia nazista e sabendo disto tudo, podemos, agora, apreciar muito melhor aquele filme mirabolante, que foi “ O caçador da Arca Perdida ”, a primeira vez, que me ocorre, em que o lado mitológico do nazismo foi apresentado pelo cinema em toda a sua vasta fantasia.